

Tão perto, tão longe...

Mírian Ribeiro

Depois que inventaram o celular, a vida nunca mais foi a mesma. Completamente integrado ao dia a dia das pessoas, de qualquer classe social, idade e nível cultural, este aparelhinho revolucionou as relações humanas - para o bem e para o mal, depende da interpretação. Hoje, é possível falar com uma pessoa, de qualquer lugar e a qualquer instante. Por outro lado, a cena mais comum são indivíduos reunidos sem conversar, debruçados sobre uma pequena tela, lendo e teclando, indiferentes aos demais ao seu redor.

Com o advento do smartphone, celular que possui sistema operacional com múltiplas funções, a relação de dependência homem-máquina piorou. As pessoas cada vez mais se comunicam por meio de aplicativos como Whatsapp, redes sociais, e-mail, blogs. A cada ruído sinalizando uma nova mensagem, é inevitável desviar a atenção e quase irresistível não ceder à tentação de parar tudo e verificar o que chegou. Estaria a tecnologia induzindo ao comportamento anti-social?

Para Izabel Calil Stamatto, coordenadora do curso de Psicologia da Unisantos, "não adianta brigar, vamos ter que entender como esta situação está afetando o sujeito. Tem a ver com a sociedade consumista que vivemos e que é alimentada pela compulsão. É compulsão por compras, por comida, por drogas, por tecnologia".

A psicóloga reconhece que a situação está assumindo proporções sérias, pois está interferindo na subjetividade das pessoas. "O distanciamento é um fator, mas as pessoas estão perdendo conexão do olhar para o outro e direcionando o olhar para a máquina".

Ela conta que hoje o professor compete com isso em sala de aula. "O aluno não presta atenção ao que está sendo dito, pois está conectado com outro. Mesmo em atividade de supervisão, o aluno faz o relato da prática vivida e, em seguida, fica ausente, estabelecendo outro tipo de relação".

Para as novas gerações, que já nasceram na era digital, o celular tornou-se aparelho indispensável e símbolo de status. Izabel Calil considera que esta é uma nova característica assumida pela sociedade do espetáculo. "Hoje, a pessoa vale pelo que parece ter e, dentro desta concepção, ter um aparelho de última geração dá status, possibilita o ingresso em grupos desejados. Do contrário, quem não possui, pode sofrer bullying".



sxc.hu Image Bank

Celular pode causar dependência igual droga pesada

Claro que o celular facilitou a vida das pessoas, o problema é o exagero. Tem gente que não desgruda do aparelho nem na hora de comer, leva junto para dormir, está o tempo todo checando alguma informação nova, entra em surto quando acaba a bateria. O medo de "perder a conexão com o mundo" tem nome:

nomofobia, que nada mais é do que a dependência do celular. O termo vem do inglês "no mobile phobia" (medo de ficar sem o celular).

Segundo os estudiosos no assunto, a dependência da tecnologia causa efeitos como os da dependência de uma droga pesada. A pessoa passa a não comer, não beber, fica ligada no

computador ou celular o tempo inteiro, não se relaciona mais e torna-se mais impaciente, impulsiva, esquecida. Em São Paulo, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas trata o transtorno através do Programa de Dependência de Internet, com realização de terapias em grupos e orientações aos familiares.

O comportamento viciante

é percebido principalmente em adolescentes. Pesquisa feita pela operadora de telefonia móvel T-Mobile na Inglaterra mostrou que, para 60% dos adolescentes, o pior castigo ou punição é o confisco de seus aparelhos de celular. Esse número sobe para 80% se o aparelho em questão for um smartphone.

Ao volante, perigo constante

Uma pesquisa realizada pelo Hospital Samaritano de São Paulo apontou que 80% dos motoristas usam o celular enquanto dirigem e 8% não mudariam de comportamento de jeito nenhum, embora a prática se configure infração de trânsito. O levantamento feito com 4,1 mil condutores apontou ainda que 42% dos entrevistados enviam mensagens de texto ao volante. Uma troca de mensagens no celular tira 23 segundos da atenção no trânsito.

Campeão de acesso em casa

Pesquisa realizada pelo IBGE indica que, pela primeira vez, o celular tomou-se o principal acesso à internet nos lares brasileiros, superando os microcomputadores. Os dados referentes a 2014 mostram que 36,8 milhões de casas estavam conectadas, o que representa 54,9% do total. São 95,4 milhões de brasileiros com acesso à internet. O número de domicílios com acesso à internet por meio de telefone celular saltou de 16,8 milhões em 2013 para 29,6 milhões em 2014.